

Índice

Não há hierarquias de Opressão.....	pg. 1
Entrevista: O sadomasoquismo na comunidade lésbica.....	pg. 3
Os usos do Erótico, o erótico como poder.....	pg. 9
A transformação do Silêncio em Linguagem e Ação.....	pg. 18
As ferramentas do Senhor não vão destruir a Casa-Grande.....	pg. 21
Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo.....	pg. 25
Poesias.....	pg. 35

Capa: @furiosaarte
Contra-capa: @raposarte

Revisado e editado por coletivo Heretika em agosto de 2018.

Audre Lorde (nascida **Audrey Geraldine Lorde**, 18/02/1934 -17/11/1992) foi uma escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista. Descrevia a si mesma como Negra, Lésbica, Feminista, também "Guerreira" e "Mãe". Escreveu diversos ensaios em questões como racismo, feminismo, sexualidade. Lorde focou a discussão em diferença não somente entre grupos de mulheres, mas também em diferenças conflitivas no individual. "Eu sou definida como Outro em cada grupo que eu faço parte" ela declarou. "A que está fora, ambamente força e fraqueza". Ela se descrevia ao mesmo tempo como um "continuo de mulheres" e um "concerto de vozes" dentro dela mesma.

Lorde criticou feministas brancas e burguesas dos 60s (como Betty Friedam), por focar somente experiências e valores de mulheres de classe média. Seus escritos são baseados na "teoria da diferença", a ideia de oposição binária entre homens e mulheres seria extremamente simplista e ocultaria diferenças dentro da categoria mulher relacionadas à classe e raça; embora feministas tivessem achado necessária a binarização para apresentar a ilusão de um inteiro e sólido unificado grupo, a categoria de mulher é ela mesma cheia de diferenças: "Deixe me dizer a vocês primeiro como foi ser uma mulher Negra e poeta nos 60 para adiante. Significa ser invisível, ser realmente invisível. Significa ser duplamente invisível como mulher feminista negra e significa ser triplamente invisível como lésbica negra e feminista." Lorde observa que as experiências das mulheres negras são distintas das mulheres brancas e marginalizadas, assim como de forma parecida as experiências de lésbicas não são consideradas como sendo o "coração" das políticas feministas. Essa posição de "Irmã Estrangeira", a que está fora, como ela mesma coloca, também é experimentada nos seus enfrentamentos com acadêmicas feministas brancas. Ela chama pela necessidade de superar a ideia de que o feminismo branco precise pensar seu racismo seja

divisionista. Ela diz "O que você ouve na minha voz é fúria, não sofrimento. Raiva, não autoridade moral".

Entre seus livros estão: *Zami: The New Spealing of my Name* (*Zami: a Nova Anúnciação do meu Nome*), *Sister Outsider* (*Irmã Estrangeira*), coletâneas de poesia e participações com artigos em livros como "This Bridge Called my Back: Voices of 3th World Women in United States" (*Essa ponte chamada minhas Costas: vozes de mulheres terceiro-mundistas nos Estados Unidos*).

Lutou durante anos contra um câncer de mama, falecendo em 1992. Sua luta pessoal é relatada no livro "Cadernos do Câncer" (*The Cancer Journals*), cuja publicação é existente em espanhol.

Não há Hierarquias de Opressão

Eu nasci Negra, e mulher. Eu estou tentando me tornar a pessoa mais forte. Eu posso voltar a viver a vida que me foi dada e ajudar em mudança efetiva em torno de um futuro vivível para essa terra e para minhas crianças. **Como uma Negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças incluindo um garoto e membra de um casal interracial,** eu usualmente acho a mim mesma parte de algum grupo no qual a majoritariedade define-me como desviante, difícil, inferior ou apenas sendo ‘errada’. Pela minha pertença em todos esses grupos **eu aprendi que opressão e intolerância da diferença vêm em todas as formas e tamanhos e cores e sexualidades:** e dentre aquelas de nós que dividem os objetivos da libertação e um futuro trabalhável para nossas crianças, onde possa não existir hierarquias de opressão. Eu aprendi que sexismo (a crença em superioridade inerente de um sexo sobre todos outros e então seu direito a dominância) e heterossexismo (a crença na superioridade inerente de um modelo de amor sobre todos outros e então seu direito a dominância) ambos nascidos da mesma fonte como racismo – a crença em superioridade inerente de uma raça sobre todas outras e então seu direito a dominância.

“Oh - diz uma voz da comunidade Negra: – ser negra é NORMAL!” Bem, eu e muitas pessoas Negras da minha idade podem lembrar amargamente dos dias quando não costumava ser! **Eu simplesmente não acredito que um aspecto de mim pode possivelmente lucrar da opressão de qualquer outra parte de minha identidade.** Eu sei que meu povo não pode possivelmente lucrar da opressão de qualquer outro grupo que deseje o direito a existência pacífica. Ao invés disso, nós diminuimos nós mesmas por negar a outras o que nós vertemos sangue para obter para nossas crianças. E aquelas crianças precisam aprender que elas não têm que se tornarem iguais umas as outras de forma a trabalhar juntos por um futuro que elas irão compartilhar.

Os ataques crescentes sobre lésbicas e homens gays são apenas uma introdução aos crescentes ataques sobre pessoas Negras, para onde quer que seja, manifestos de opressão em si mesmos nesse país, Pessoas negras são vítimas potenciais. **E esse é o estandarte do cinismo da direita encorajar membros de grupos oprimidos a agir uns contra os outros,** e por tanto tempo a gente é dividida por causa de nossas identidades particulares que nós não podemos juntar-nos todos juntos numa ação política efetiva.

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros. Não há hierarquias de opressão.

Não é acidental que o Ato de Proteção à Família¹, que é virulentamente anti-mulher e anti-Negro, é também anti-Gay. Como pessoa Negra, eu sei quem meus inimigos são, e quando o Ku Klux Klan vai à corte em Detroit e tenta e força o Conselho de Educação de remover livros o Klan acredita “induzir a homossexualidade,” **quando eu sei que eu não posso me dar o luxo de lutar apenas uma forma de opressão somente.** Eu não tenho como acreditar que liberdade de intolerância é direito de apenas um grupo particular. **E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam pra me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois eles aparecerem pra destruir você.**

¹ Um projeto de lei congressional de 1981 revogando leis federais que promoviam direitos iguais para as mulheres, incluindo atividades co-educacionais relativas às escolas e proteção para mulheres agredidas, e provendo incentivos fiscais para mulheres casadas para ficarem em casa.

Retirado de “I Am Your Sister - COLLECTED AND UNPUBLISHED WRITINGS OF AUDRE LORDE”, Oxford University Press, 2009, e traduzido por Heretika.



Ataques de Sexo, ataques de Pele, 1989. Obra de Arte por Lorna Simpson, artista afro-norte-americana que em seus trabalhos questiona construções racistas.

“Guarded condition” é um termo médico em inglês para um paciente em condição séria sem um prognóstico certo, também diz sobre a posição de guardiãs e defesa que as figuras representam. Abaixo, se intercalam os dizeres “ataques de pele, ataques de sexo”.

O Sadomasoquismo na Comunidade Lésbica

Uma entrevista com Audre Lorde e Susan Leigh Star.

"Sem uma rigorosa e consistente avaliação do tipo de futuro que queremos criar e um exame extremamente honesto das expressões de poder que escolhemos incorporar em todas as nossas relações, incluindo as mais privadas delas, nós não estaremos progredindo, mas apenas reinterpretando nossas mesmas personagens no mesmo antigo e usual drama... O S/M [sadomasoquismo] não é repartição de poder, mas é meramente uma depressiva remodelação do mesmo antigo e destrutivo modelo das relações humanas de dominante/subordinado e do poder unilateral, que agora mesmo transforma nossa terra e nossa consciência humana em poeira."

Leigh: Como você vê o fenômeno do sadomasoquismo na comunidade lesbiana?

Audre: O Sadomasoquismo na comunidade feminista-lesbiana não pode ser visto como algo separado das questões econômicas e sociais que cercam nossas comunidades. Ele é o reflexo de toda uma tendência social e econômica neste país.

Infelizmente, o sadomasoquismo tem sido confortável para algumas pessoas nesse período em que ele vem se tornando público. Mas qual é a natureza desse fascínio? Por que essa ênfase do sadomasoquismo na mídia heterossexual? O sadomasoquismo é congruente com outras coisas que têm sido fomentadas nesse país politicamente, culturalmente e economicamente. Coisas que tem a ver com a dominação e submissão, com a desigualdade de poder.

A atenção que o *Samois*¹ está tendo na mídia é provavelmente fora de proporção com a representação real do sadomasoquismo na comunidade lesbiana. Isso porque o S/M é um tema na cultura dominante, e uma tentativa de reivindicá-lo, mais do que questioná-lo, é usada como um pretexto para não olhar o conteúdo desse comportamento. Por exemplo, "nos somos lésbicas fazendo essa coisa extrema e vocês estão criticando

¹Primeiro grupo lésbico sado-masoquista que nasce em 1978 em San Francisco. (N. do T.)

agente!²⁰ Assim, o sadomasoquismo é usado para deslegitimar o feminismo-lesbiano, o lesbianismo e o feminismo.

Leigh: Então você está dizendo que a mídia heterossexual ajuda a ampliar o fenômeno dentro das comunidades lesbianas, ao mesmo tempo em que focaliza em algumas lésbicas como uma forma de não lidar com as implicações maiores e com a enorme existência desse fenômeno no mundo?

Audre: Sim. E porque essa perspectiva de poder é apenas uma pequena parte de uma enorme questão, é difícil criticá-la isoladamente. Erich Fromm uma vez disse: "O fato de milhões de pessoas fazerem parte de uma ilusão, não faz dela sadia".

Leigh: E quanto à doutrina de "viva e deixe viver" e os discursos de liberdade civil?

Audre: Eu não acho que esse seja o ponto. Eu não estou criticando o direito de ninguém viver. Eu estou dizendo que nós devemos observar os caminhos e implicações de nossas vidas. Se nós estamos falando de feminismo então todo o pessoal é político e nós devemos sujeitar tudo em nossa vida a um escrutínio. Nós temos sido educadas numa sociedade doente e anormal, e nós devemos estar num processo de retomar a nossa vida, mas não nos termos dessa sociedade. Isso é complexo. Eu não falo de condenação, mas do reconhecimento do que está acontecendo e do questionamento do que isso significa. Eu não quero regular a vida de ninguém. Se nós temos que escrutinar as relações humanas, nos devemos escrutinar todos os aspectos dessas relações. O sujeito e o assunto da revolução somos nós mesmas, é a nossa vida.

O Sadomasoquismo é uma celebração institucionalizada das relações de dominante/dominadas. E prepara-nos para aceitar a subordinação ou para reforçar a dominação. Afirmar que exercer o poder sobre alguém que não o tem é erótico, mesmo numa representação, é legitimador, é programar o estágio emocional e social para a continuação desse tipo de relação, tanto politicamente, como socialmente e economicamente.

O sadomasoquismo alimenta a crença que a dominação é inevitável. Isso pode ser comparado à adoração de um deus de duas faces ao qual só se adora a parte branca na lua cheia e a parte preta na obscuridão da lua, como se essas duas faces de uma mesma cabeça fossem totalmente se-

²⁰ Samois tentava legitimar o s/m como alternativa sexual dentro nas relações lesbianas. (N. do T.)

paradas. Você não pode isolar um aspecto da sua vida, separar suas implicações, seja o que você come no café da manhã ou como você se despede. É isso que significa integridade.

Leigh: Isso se relaciona com dois argumentos centrais colocados pelas mulheres do *Samois*: que a tolerância liberal é necessária no reino da sexualidade e que essa relação de poder deve ficar restringida a cama. Eu sinto, como você, que é perigoso tentar deixar inquestionada uma parte tão vital de nossa vida assim.

Audre: Se é um assunto restringido ao quarto, então por que o livro do *Samois* [*What Color Is your Handkerchief? : A Lesbian S/M Sexuality Reader*] é impresso? E se não, o que isso significa? É do interesse do sistema de lucro capitalista que nós privatizemos muitas coisas de nossas experiências. A fim de fazer escolhas de vida íntegras, nós devemos abrir as comportas da nossa vida, criar uma consistência emocional. O que não é o mesmo que dizer que todas devemos agir da mesma maneira, que não possamos mudar ou crescer; é que deve haver uma integridade subjacente que se afirme em todos os nossos atos.

O Erótico transpassa nossas vidas, e a integridade é a condição básica a que nos aspiramos. Se nós não tivermos as lições da nossa jornada para essa condição, então nós não temos nada. Com essa visão de vida, cada um é livre para examinar trajetos variados de comportamento. Mas a integridade tem que ser a base da jornada.

Certas coisas em toda sociedade são definidas como totalmente destrutivas, como por exemplo, gritar "FOGO!" num teatro lotado. O liberalismo, através dos direitos garantidos pela primeira emenda, permite a pornografia e também permitiu o espancamento de esposas. Mas isso não faz com que essas coisas caibam na minha visão de mundo. O que eu questiono, sempre e sempre, é quem está lucrando com isso? Quando o sadomasoquismo é apresentado como conflito central dentro do movimento feminista, eu pergunto: mas quais são os conflitos que não estão sendo apresentados?

Leigh: Como você acha que o sadomasoquismo começou? Quais são as suas raízes?

Audre: No molde padrão do superior/inferior que está inculcado dentro de nós nos mais profundos níveis. A intolerância que aprendemos a ter perante as diferenças.

As pessoas envolvidas com sadomasoquismo expressam tal intolerância à diferença aprendida por todos nós: a superioridade e como consequência

dela o direito de dominar. O conflito está supostamente limitado porque acontece detrás das portas do quarto. Mas pode esse ser o caso quando o erótico nutre, sustenta e transpassa nossas vidas?

Eu me pergunto, num escrutínio bem profundo de mim mesma, se eu não estou sendo puritana sobre isso – e eu tenho me perguntado sobre isso com muita atenção – e a resposta é não. Eu sinto que nós fazemos decisões de vida íntegras sobre a rede de relacionamentos que nós temos, e essas decisões e compromissos conduzem-nos a outras decisões e compromissos – certas maneiras de ver o mundo, procurar mudanças. Se esses compromissos e decisões não nós conduzem para o crescimento e para as mudanças, nós não temos nenhum chão para construir sobre, nenhum futuro.

Leigh: Você acha que o sadomasoquismo entre homens gays é diferente do que o sadomasoquismo entre lésbicas?

Audre: Quem lucra com lésbicas se batendo? Os homens brancos foram levados a acreditar que eles são Deus; muitos homens gays brancos só são marginalizados em apenas um aspecto. Grande parte do movimento gay branco procura fazer parte do Sonho Americano e projeta uma raiva inacreditável quando não são incluídos nos privilégios do homem branco padrão, privilégios conhecidos como Democracia Americana.

Frequentemente, os homens gays estão trabalhando para não mudar o sistema. Esse é um dos porquês do o movimento gay masculino ser tão branco quanto é. Gays negros reconhecem, outra vez pelos fatos da sobrevivência, que eles não estão sendo incluídos da mesma maneira. Essa divisão entre os homens brancos gays e os homens negros gays está sendo examinada e explorada. Recentemente, por exemplo, havia uma reunião de lésbicas e de gays do terceiro mundo em Washington. Reconheceu-se que há umas coisas que nós não compartilhamos com lésbicas e homens gays brancos e coisas que compartilhamos, e que a explicitação dos objetivos é necessária entre lésbicas e gays brancos e lésbicas e gays do terceiro mundo.

Eu não vejo nenhuma batalha essencial entre muitos homens gays e a lógica dominante branca masculina. Com certeza há homens gays que não categorizam suas opressões e lutam por um futuro. Mas esse é um problema das políticas majoritárias: muitos homens gays brancos estão sendo puxados pelas mesmas cordas que outros homens brancos nesta sociedade. Você não consegue que pessoas lutem contra o que eles identificaram como seus interesses básicos.

Leigh: Muitas das coisas que você está dizendo é que as políticas do s/m estão conectadas com as políticas de movimentos maiores?

Audre: Eu não acredito que sexualidade é algo separado da vida. Como uma mulher da minoria, eu sei que relações de dominação e subordinação não são apenas questões de quarto. Da mesma maneira que estupro não é uma questão de sexo, s/m também não é, mas é uma questão de como nós usamos o poder. Se fosse somente uma questão de preferência sexual ou de gosto particular, por que esta seria apresentada como uma questão política?

Leigh: Eu sinto frequentemente que há uma tirania sobre todo o conceito de sentimentos, como se sentir algo implicasse de alguma forma colocá-lo em ação.

Audre: Você não sente um tanque ou uma guerra, você sente ódio ou amor. Sentimentos não são errados, mas você é responsável pelos comportamentos que você usa para satisfazer esses sentimentos.

Leigh: E sobre como o *Samois* e outras sadomasoquistas lésbicas usam o conceito de poder?

Audre: O conceito s/m de "o sexo baunilha"³ é sexo sem paixão. Elas estão dizendo que não pode existir paixão sem diferenças de poder. Isso me parece muito triste, solitário e destrutivo. A conexão entre paixão e dominação/subordinação é o protótipo heterossexual da imagem das relações entre homens e mulheres, imagem que justifica a pornografia. Supõe-se que mulheres amam ser brutalizadas. É esse também o protótipo que justifica as relações de opressão, onde o subordinado, aquele que é "diferente", gosta de estar nessa posição inferior.

O movimento gay masculino, por exemplo, investe na distinção entre pornografia gay s/m e a pornografia heterossexual. Os homens gays podem se dar ao luxo de não ver as consequências. Nós, como mulheres e como feministas, temos que apurar nossas ações e ver o que elas implicam, e sobre o que elas estão baseadas.

Como mulheres, nós fomos treinadas a seguir. Mas, nós devemos olhar para o fenômeno s/m e nos educar e ao mesmo tempo estar ciente de manipulações intrincadas, de fora e de dentro.

Leigh: E como isso se relaciona especificamente com o feminismo lesbiano?

³Baunilha: expressão da comunidade s/m para denominar as relações sexuais não sadomasoquistas. (N. do T.)

Audre: Primeiro, nós devemos nos perguntar se toda essa questão de sexo s/m nas comunidades lesbianas não está sendo usada para desviar atenção e energias de outras questões mais urgentes e imediatas, que tem a ver com a manutenção de nossas vidas, que estão nos encontrando enquanto mulheres num período racista, conservador e repressivo? Um desvio de atenção? Uma cortina de fumaça para os provocadores da ordem? Segundo, o s/m lesbião não é uma questão do que você faz na cama, assim como o lesbianismo não é simplesmente uma preferência sexual. Por exemplo, o trabalho de Barbara Smith sobre o "Woman-identified woman"⁴, sobre experiências "lésbicas" em Zora Hurston ou Toni Morrison. O que define a qualidade desses atos não é com quem eu durmo e nem mesmo o que fazemos juntas, mas sim que afirmações de vida estou inclinada a tomar como natureza e efeito das minhas relações eróticas que se infiltram por toda minha vida, por todo meu ser? Sendo um veio profundo de nossas vidas eróticas e de nossos conhecimentos eróticos, como é que a sexualidade nos enriquece e empodera nossas ações?

A biografia completa que acompanha esse artigo pode ser encontrada no livro "Against Sadomasochism", editado por Liden, Pagano, Russell e Star, The Frog in The Well Press, 1982.

Traduzido e retirado de "*Sadomasochism in the Lesbian Community: An Interview With Audre Lorde and Susan Leigh Star*". In: Robin Ruth Linden et al. "Against Sadomasochism. A radical feminist analysis", The Frog in The Well Press, 1982. Tradução por Alice Gabriel.

⁴Manifesto "A mulher que se identifica com a mulher", redigido em 1970 pelo grupo Radicalesbians, publicado pela editora Heretika.

Os Usos do Erótico: O Erótico como Poder



foto: zanele muholi

Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos. O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas.

Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado por pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder.

Como mulheres, temos desconfiado desse poder que emana de nosso conhecimento mais profundo e irracional. Durante toda nossa vida temos sido alertadas contra ele pelo mundo masculino, que valoriza sua profundidade a ponto de nos manter por perto para que o exercitemos em benefício dos homens, mas ao mesmo tempo a teme demais para sequer examinar a possibilidade de vivê-la por si mesmos. Então as mulheres são mantidas numa posição distante/inferior para serem psicologicamente ordenhadas, mais ou menos da mesma forma com que as formigas mantêm colônias de pulgões que forneça o nutriimento que sustenta a vida de seus mestres.

Mas o erótico oferece um manancial de força revigorante e provocativa à mulher que não teme sua revelação, nem sucumbe à crença de que as sensações são o bastante.

O erótico tem sido frequentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, uma vez que representa a supressão do sentimento verdadeiro. A pornografia enfatiza a sensação sem sentimento.

O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso íntimo de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar. Porque uma vez tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecido seu poder, não podemos, por nossa honra e respeito próprio, exigir menos que isso de nós mesmas.

Nunca é fácil demandar o máximo de nós mesmas, de nossas vidas, de nosso trabalho. Almejar a excelência é ir além da mediocridade incentivada por nossa sociedade. Mas sucumbir ao medo do sentimento e trabalhar no limite é um luxo que só pode se permitir quem não tem aspirações, e essas pessoas são aquelas que não desejam guiar seus próprios destinos. Mas a demanda íntima pela

excelência que aprendemos do erótico não pode ser mal entendida como exigir o impossível nem de nós mesmas nem das outras. Tal exigência incapacita todo mundo no processo. Porque o erótico não é sobre o que fazemos; é sobre quão penetrante e inteiramente nós podemos sentir durante o fazer. E uma vez que saibamos o tamanho de nossa capacidade de sentir esse senso de satisfação e realização, podemos então observar qual de nossos afãs vitais nos coloca mais perto dessa plenitude.

O sentido de cada coisa que fazemos é fazer nossas vidas, e a vida de nossas crianças, mais ricas e mais viáveis. Pela celebração do erótico em todas as nossas empreitadas, meu trabalho se torna uma decisão consciente – um leito muito esperado em que me deito com gratidão e do qual levanto empoderada.

Obviamente, mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a separar a demanda erótica de quase todas as áreas mais vitais de nossas vidas além do sexo. E a negligência às satisfações e fundamentos eróticos de nossa práxis se traduz em desafeto por grande parte do que fazemos. Por exemplo, quantas vezes amamos de verdade nosso trabalho até mesmo quando temos dificuldades nele?

O maior horror de qualquer sistema que define o bom em termos de lucro mais do que em termos de necessidade humana, ou que define a necessidade humana pela exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dela – o maior horror desse sistema é que priva de nosso trabalho seu valor erótico, seu poder erótico, e rouba da vida seu interesse e plenitude. Tal sistema reduz o trabalho a uma maquete de necessidades, um dever pelo qual ganhamos o pão ou o esquecimento de nós mesmas e de quem amamos. Mas isso é o mesmo que cegar uma pintora e dizer a ela que melhore sua obra, e ainda que goste de pintar. Isso não é só perto do impossível, é também, profundamente, cruel.

Como mulheres, precisamos buscar formas para que nosso mundo possa ser realmente diferente. Estou falando, aqui, é da necessidade de novamente avaliarmos a qualidade de todos os aspectos de nossas vidas e de nosso trabalho, e de como nos movimentamos através e até eles.

A própria palavra erótico vem do grego *eros*, a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Então, quando falo do erótico, o estou pronunciando como uma **declaração da força vital das mulheres**, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas.

Há tentativas frequentes de se equiparar a pornografia e o erotismo, dois usos diametralmente opostos do sexual. Por causa de tais tentativas, se tornou recorrente separar o espiritual (psíquico e emocional) do político, vê-los como contraditórios ou antitéticos. “Como assim, uma revolucionária poética, um traficante de armas que medita?”. Da mesma forma, temos tentado separar o espiritual do erótico, e assim temos reduzido o espiritual a um mundo de afetos insípidos, do asceta que deseja sentir o nada. Mas nada está mais distante da verdade. Porque a posição ascética é uma do mais grandioso medo, da mais extrema imobilidade. A abstinência severa do asceta torna-se a obsessão dominadora. E não é uma que se embase na autodisciplina, mas sim na abnegação.

A dicotomia entre o espiritual e o político é igualmente falsa, resultante de uma atenção displicente de nosso conhecimento erótico. Porque a ponte que os conecta é formada pelo erótico – o sensual –, aquelas expressões físicas, emocionais e psíquicas do que há de mais profundo e forte e farto dentro de cada uma de nós a ser compartilhado: as paixões do amor, em seus mais fundos significados.

Além do raso, a tão usada expressão “me faz sentir bem” reconhece o poder do erótico como um conhecimento legítimo, pois o que ela significa é o primeiro e mais poderoso guia que conduz a qualquer entendimento. E entendimento nada mais é do que um colo que abriga justamente, e dá sentido, aquela sabedoria nascida do mais fundo. E o erótico é o nutriente e o embalar de toda nossa sabedoria mais profunda.

O erótico, para mim, acontece de muitas maneiras, e a primeira é fornecendo o poder que vem de compartilhar intensamente qualquer busca com outra pessoa. A partilha do gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, monta uma ponte entre quem compartilha, e essa ponte pode ser a base para a compreensão daquilo que não se compartilha, enquanto, e diminuir o medo das suas diferenças.

Outra forma importante por que o erótico opera é ampliando franca e corajosamente minha capacidade de gozar. Assim como meu corpo se expande com a música, se dilatando em reação a ela, escutando seus ritmos profundos, tudo aquilo que eu sinto também se dilata à experiência eroticamente satisfatória, seja dançando, construindo uma estante de livros, escrevendo um poema, examinando uma ideia.

Essa autoconexão compartilhada é um indicador do gozo que me sei capaz de sentir, um lembrete de minha capacidade de sentimento. E essa sabedoria profunda e insubstituível da minha capacidade ao gozo me põe frente à demanda de que eu viva toda a vida sabendo que essa satisfação é possível, e não precisa ser chamada de casamento, nem deus, nem vida após a morte.

Essa é uma razão pela qual o erótico é tão temido, e tantas vezes relegado unicamente ao quarto, isso quando chega a ser reconhecido. Pois uma vez que começamos a sentir intensamente todos os aspectos de nossas vidas, começamos a esperar de nós mesmas, e de nossos afãs vitais, que estejamos em sintonia com aquele gozo que nos sabemos capazes de viver. Nossa sabedoria erótica nos empodera, se torna uma lente pela qual fazemos um escrutínio de todos os aspectos de nossa existência, o que nos leva a examiná-los honestamente em termos de seus significados relativos em nossas vidas. E essa é uma grande responsabilidade, surgida desde dentro de cada uma de nós, de não nos conformarmos com o que é conveniente, com o que é falseado, convenientemente suposto ou meramente seguro.

Durante a segunda guerra mundial, comprávamos potes de plástico hermeticamente fechados com uma margarina incolor dentro, que vinha com uma cúp-

sula pequena e densa de corante amarelo, posta como um topázio do lado de fora da embalagem clara. Deixávamos a margarina no sol um tempo, para amaciar, e aí furávamos a pequena cápsula na massa macia e pálida da margarina. Então, pegando a embalagem com cuidado entre os dedos, balançávamos cuidadosamente pra frente e pra trás, várias vezes, até que a cor estivesse se espalhado completamente por todo o pote de margarina, colorindo-a perfeitamente.

O erótico é esse cerne dentro de mim. Quando liberado de seu invólucro intenso e constritor, ele flui através de minha vida, colorindo-a com o tipo de energia que amplia e sensibiliza e fortalece toda minha experiência.

Fomos criadas pra temer o sim dentro de nós, nossos mais profundos desejos. Mas quando aprendemos a identificá-los, aqueles que não melhoram nosso futuro perdem seu poder e podem ser mudados. O medo de nossos desejos os mantém suspeitos e indiscriminadamente poderosos, já que suprimir qualquer verdade é dotá-la de uma força insuportável. O medo de que não vamos dar conta de crescer além de quaisquer distorções que possamos achar em nós mesmas é que nos mantém dóceis, leais e obedientes, definidas pelo que vem de fora, e que nos leva a aceitar muitos aspectos da opressão que sofremos por sermos mulheres.

Quando vivemos fora de nós mesmas, e com isso quero dizer que vivemos por diretrizes alheias unicamente, mais que por nossa sabedoria e necessidades internas, quando vivemos longe daquelas trilhas eróticas de dentro de nós mesmas, então nossas vidas estão limitadas pelas formas externas e alheias, e nós nos conformamos com as necessidades de uma estrutura que não é baseada na necessidade humana, e muito menos nas individuais. Mas quando começamos a viver desde dentro pra fora, conectadas ao poder do erótico dentro de nós e permitindo que esse poder preencha e inspire nossas formas de atuar com o mundo que nos rodeia, então é que começamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo. Pois ao começarmos a identificar nossos sentimentos mais profundos é que desistimos de nos satisfazer com sofrimento e autonegação, e o embotamento que tantas vezes parece ser a única alternativa a isso em

nossa sociedade. Nossos atos contra a opressão se tornam íntegros com sermos, motivados e empoderados desde dentro.

Em contato com o erótico, eu me rebelo contra a aceitação do enfraquecimento e de todos os estados de meu ser que não são próprios de mim, que me foram impostos, como a resignação, o desespero, o auto-aniquilamento, a depressão, a autonegação.

E sim, há uma hierarquia. Existe diferença entre pintar a cerca do jardim e escrever um poema, mas é uma só de quantidade. E não há de onde vejo nenhuma diferença entre escrever um poema maravilhoso e me mexer na luz do sol junto ao corpo de uma mulher que amo.

Isso me traz a uma última consideração sobre o erótico. Compartilhar o poder dos sentimentos de cada pessoa é diferente de usar os sentimentos de outra pessoa como lenço de papel. Quando não atentamos a nossas experiências, eróticas ou de outro tipo, não estamos compartilhando, e sim usando os sentimentos de quem participa conosco na experiência. E usar alguém sem seu consentimento é abuso.

Para ser utilizado, nosso sentimento erótico tem que ser identificado. A necessidade de compartilhar em profundidade de sentimento é uma necessidade humana. Mas na tradição europeia-estadunidense, essa necessidade é satisfeita com certos encontros eróticos ilícitos. Tais ocasiões quase sempre se caracterizam por falta de atenção mútua, pela pretensão de chamá-las pelo que não são, seja isso religião, ou arrebatamento, violência da multidão ou brincar de médico. E esse chamamento torto à necessidade e ao ato faz surgir aquela distorção que resulta em pornografia e obscenidade – o abuso do sentimento.

Quando não atentamos à importância do erótico no desenvolvimento e nutrição de nosso poder, ou quando não atentamos a nós mesmas na satisfação de nossas necessidades eróticas quando interagimos com outras, estamos nos usando como objetos de satisfação, ao invés de compartilharmos nosso gozo no satisfazer, ao invés de estabelecer conexões entre nossas pareências e nossas diferenças. Se recusamos a consciência do que estamos sempre sentindo, por mais

confortável que isso possa parecer, estamos nos privando de parte da experiência, e nos permitindo ser reduzidas ao pornográfico, ao abusado, ao absurdo.

O erótico não pode ser sentido à nossa revelia. Como uma negra lésbica feminista, tenho um sentimento, um entendimento e uma sabedoria particular por aquelas irmãs com quem eu tenha dançado intensamente, brincado, ou até mesmo brigado. E essa participação intensa numa experiência compartilhada é, muitas vezes, o precedente à realização de ações conjuntas que antes não seriam possíveis.

Mas as mulheres que continuam agindo exclusivamente sob as normas da tradição masculina europeia-estadunidense não podem compartilhar facilmente essa carga erótica. Eu sei que ela não estava acessível pra mim quando eu tentava adaptar minha consciência a esse modo de vida e sensação.

Somente agora é que encontro mais e mais mulheres-identificadas-com-mulheres com bravura o bastante para arriscar compartilhar a carga elétrica do erótico sem dissimulação, e sem distorcer a natureza enormemente poderosa e criativa dessa troca. Reconhecer o poder do erótico em nossas vidas pode nos dar a

energia necessária pra fazer mudanças genuínas em nosso mundo, mais que meramente estabelecer uma mudança de personagens no mesmo drama tedioso.

Pois não só tocamos nossa fonte mais profundamente criativa, mas fazemos o que é fêmeo e autoafirmativo frente a uma sociedade racista, patriarcal e anti-erótica.

(...)

Traduzido por tatiana nascimento dos santos – dezembro de 2009.

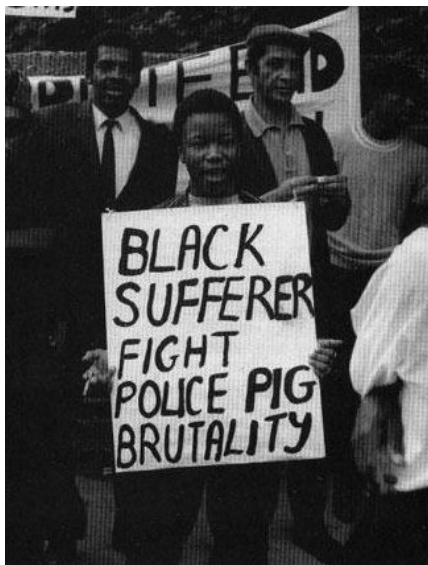
Retirado de Sister Outsider, 1984.

foto: 'Berjé & Josephina,' Marcelina Martin in Lesbian Sacred Sexuality. 1995. Retirado do blog lesbianseparatist.tumblr.com



Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação

Audre Lorde - "Irmã Extranjeira" (Sister Outsider), Ensaios e Conferências, 1984. Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna, em Chicago, Illinois, 28 de dezembro de 1977, publicada pela primeira vez em 1978, no volume 6 de *Sinister Wisdom*, revista de feminismo radical.



Olive Morris, aparece na foto segurando um cartaz com os dizeres: "BLACK SUFFERER FIGHT POLICE PIG BRUTALITY" (algo como: "Povo Negro sofredor combata brutalidade Policial 'Porca'*"), foi uma das fundadoras da Organização de Mulheres de Descendência Africana e Asiática (OWAAD) e do Grupo de Mulheres Negras ligadas ao Movimento Black Panthers Brixton (UK), ela era conhecida por seu destemor para enfrentar o abuso policial.

Muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbalizá-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal-entendidas. Mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem. Eu estou aqui como poeta Negra lésbica e sobre o significado de tudo isso repousa o fato de ainda estar viva, coisa que poderia não ter sido. Há menos de dois meses, dois médicos – um homem e uma mulher – me disseram que devia fazer uma operação de mama e que as chances de que o tumor fosse maligno estavam entre 60 e 80 por cento.

Entre essas palavras e a operação, passaram três semanas de agonia em que precisei reorganizar involuntariamente toda minha vida. A operação já passou e o tumor era benigno. Mas durante essas três semanas tive que retornar sobre mim mesma e sobre minha vida com uma severa e urgente lucidez que me deixaram ainda tremendo, mas ainda mais forte.* É uma situação com a qual, muitas mulheres se depararam, talvez algumas de vocês, hoje.

As coisas que experimentei nesse período me ajudaram a compreender muito do

que sinto sobre a transformação do silêncio em linguagem e em ação. Ao tomar forçadamente consciência de minha própria mortalidade, do que desejava e queria de minha vida, durasse o que durasse, as prioridades e as omissões brilharam sob uma luz impiedosa, e do que mais me arrependi foi de meus silêncios. O que me dava tanto medo? Questionar e dizer o que pensava podia provocar dor, ou a morte.

*Provavelmente ainda não existia a difusão das discussões em torno de especismo que temos hoje [N.T.].

Mas todas sofremos de tantas maneiras todo o tempo, sem que por isso a dor diminua ou desapareça. A morte não é mais do que o silêncio final. E pode chegar rapidamente, agora mesmo, mesmo antes que eu tenha dito o que precisava dizer.

Só havia traído a mim mesma nesses pequenos silêncios, pensando que algum dia ia falar, ou esperando que outras falassem. E comecei a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim ao dar-me conta de que não devia ter medo, que a força estava em aprender a ver o medo a partir de outra perspectiva.

Eu ia morrer cedo, tivesse falado ou não. Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês. Mas cada palavra que tinha dito, cada tentativa que tinha feito de falar as verdades que ainda persigo, me aproximou de outras mulheres, e juntas examinamos as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado de todas essas mulheres que me deu forças e me permitiu analisar a essência de minha vida.

As mulheres que me ajudaram durante essa etapa foram Negras e brancas, velhas e jovens, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, mas todas compartilhamos a luta da tirania do silêncio. Todas elas me deram a força e a companhia sem as quais não teria sobrevivido intacta. Nessas semanas de medo agudo –na guerra todas lutamos, sutilmente ou não, conscientemente ou não, contra as forças da morte– compreendi que eu não era só uma vítima, mas também uma guerreira.

Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? Talvez para algumas de vocês hoje, aqui, eu represento um de seus medos.

Porque sou mulher, porque sou Negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poetisa guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês estão fazendo o seu?

E, certamente, tenho medo porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de autorrevelação e isso sempre parece estar cheio de perigos. Mas minha filha, quando falei de nosso tema e de minhas dificuldades, me disse: “Fala para elas de como nunca se é uma pessoa inteira se guardas silêncio, porque esse pedacinho fica sempre dentro de ti e quer sair, e se segues ignorando-o, ele se torna cada vez mais irritado e furioso, e se nunca o deixar sair um dia diz: basta! e te dá um soco dentro da boca”.

No silêncio, cada uma de nós desvia o olhar de seus próprios medos – medo do desprezo, da censura, do julgamento, ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento. Mas antes de nada acredito que te-

memos a visibilidade, sem a qual, entretanto, não podemos viver, não podemos viver verdadeiramente. Neste país em que a diferença racial cria uma constante, ainda que não seja explícita, distorção da visão, as mulheres Negras temos sido visíveis por um lado, enquanto que por outro nos fizeram invisíveis pela despersonalização do racismo. Ainda dentro do movimento de mulheres tivemos que lutar, e seguimos lutando, para recuperar essa visibilidade que ao mesmo tempo nos faz mais vulneráveis: a de ser Negras.

Porque para sobreviver nesta boca de dragão que chamamos América, tivemos que aprender esta primeira lição, a mais vital, e não se supunha que fossemos sobreviver. Não como seres humanos. Nem se supunha que fosse sobreviver a maioria de vocês, Negras ou não. E essa visibilidade que nos faz tão vulneráveis, é também a fonte de nossa maior fortaleza. Porque a máquina vai tratar de nos triturar de qualquer maneira, tenhamos falado ou não. Podemos nos sentar num canto e emudecer para sempre enquanto nossas irmãs e nossas iguais são desprezadas, enquanto nossos filhos são deformados e destruídos, enquanto nossa terra está sendo envenenada, podemos ficar quietas em nossos cantos seguros, caladas como se engarrafadas, e ainda assim seguiremos tendo medo.

Em minha casa se celebra este ano a festa de Kwanza, o festival Afro americano da colheita, que começa o dia depois do Natal e dura sete dias. Há sete princípios de Kwanza, um para cada dia. O primeiro princípio é Umoja, que quer dizer unidade, a decisão de lutar pela unidade e mantê-la em nós mesmas e na comunidade. O princípio de ontem, o segundo dia, era Kujichagulia: a autodeterminação, a decisão de definir a nós mesmas, de dar nomes, de falar por nós em vez de sermos nomeadas e expressadas por outros. Hoje é o terceiro dia de Kwanza, e o princípio de hoje é Ujima: o trabalho coletivo e a responsabilidade, a decisão de construir e conservar juntas nossas comunidades, de reconhecer e resolver juntas nossos problemas.

Cada uma de nós está hoje aqui porque de um modo ou outro compartilhamos um compromisso com a linguagem e com o seu poder, também com a recuperação dela que foi utilizada contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é de uma necessidade vital para nós estabelecer e examinar a função dessa transformação e reconhecer seu papel igualmente vital dentro dessa transformação.

Para quem escrevemos, é necessário examinar não só a verdade do que falamos, mas também a verdade da linguagem em que o dizemos. Para outras, se trata de compartilhar e difundir aquelas palavras que significam tanto para nós. Mas em princípio, para todas nós, é ne-

cessário ensinar com a vida e com as palavras essas verdades que acreditamos e conhecemos mais além do entendimento. Porque só assim sobreviveremos, participando num processo de vida criativo, contínuo e em crescimento.

E sempre se fará com medo – da visibilidade, da dura luz da análise, talvez do julgamento, da dor, da morte. Mas, com exceção da morte, nós já passamos por tudo isso e o fizemos em silêncio. Eu penso todo o tempo que se tivesse nascido muda, ou se tivesse mantido um juramento de silêncio toda minha vida, teria sofrido igual, e igualmente morreria. É bom lembrar, para não perder a perspectiva.

E quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. Não nos escondamos detrás das falsas separações que nos impuseram e que tão seguidamente as aceitamos como nossas. Por exemplo: “Não posso ensinar a literatura das mulheres Negras porque sua experiência é diferente da minha”.

Entretanto, durante quantos anos ensinaram Platão, Shakespeare e Proust? Ou: “Ela é uma mulher branca, o que ela pode dizer para mim” Ou: “Ela é lésbica... O que vai dizer o meu marido, ou meu chefe?” Ou ainda: “Esta mulher escreve sobre nossos filhos, e eu não sou mãe”. E assim todas as outras formas em que nos abstraímos umas das outras.

Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar.

O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!

As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa-grande

Audre Lorde

Eu concordei em participar numa conferência do Instituto de Humanidades da Universidade de Nova Iorque há um ano, por ter entendido que eu comentaria trabalhos que abordassem o papel da diferença nas vidas das mulheres americanas: diferenças de raça, sexualidade, classe e idade. A ausência dessas considerações enfraquece qualquer discussão feminista sobre o pessoal e o político.

É uma arrogância da academia, em particular, assumir qualquer discussão sobre teoria feminista sem examinar nossas várias diferenças, e sem uma perspectiva significativa das mulheres pobres, Negras e Terceiro-Mundistas, e lésbicas. Ainda assim, coloco-me aqui como uma Negra lésbica feminista que foi convidada, nessa conferência, a falar no único painel em que a perspectiva das Negras feministas e lésbicas está representada. O que isso diz sobre a visão dessa conferência é triste, num país onde racismo, sexismo e homofobia são inseparáveis. Ler a programação é assumir que mulheres lésbicas e Negras não têm nada a dizer sobre existencialismo, o erótico, a cultura e silêncio das mulheres, desenvolvimento de teoria feminista, ou heterossexualidade e poder. E o que significa, em termos pessoais e políticos, que mesmo as duas mulheres Negras que aqui se apresentaram foram, literalmente, encontradas em cima da hora? O que significa quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos desse mesmo patriarcado? Significa que somente os perímetros mais estreitos de mudança são possíveis e permitidos.

A ausência de qualquer consideração sobre a consciência lésbica ou a consciência das mulheres Terceiro-Mundistas deixa uma falha séria nessa conferência e nos artigos apresentados aqui. Por exemplo, num artigo sobre relações materiais entre mulheres, tomei conhecimento de um modelo de criação excludente que desconsidera totalmente meu conhecimento de Negra lésbica. Nesse artigo, não houve análise da mutualidade entre mulheres, nem de sistemas de apoio compartilhado, nem da interdependência como existe entre lésbicas e mulheres-identificadas-com-mulheres. No entanto, é somente no modelo patriarcal de criação que as mulheres “que tentam se emancipar pagam um risco talvez alto demais pelos resultados”, como afirma o artigo.

Para as mulheres, a necessidade e desejo de nutrir uma à outra não é patológica, mas sim redentora; e é dentro desse conhecimento que nosso po-

der real é redescoberto. Essa é a conexão real tão temida por um mundo patriarcal. Somente dentro de uma estrutura patriarcal é que a maternidade pode ser o único poder social acessível às mulheres.

A interdependência entre mulheres é o caminho para uma liberdade que permita ao *Eu* que *seja*, não para que seja usado, mas para que seja criativo. Essa é a diferença entre o *ser* passivo e o ativo *sendo*.

Lutar meramente pela tolerância com relação à diferença entre mulheres é o reformismo mais grosseiro. É uma negação total da função criativa que a diferença tem em nossas vidas. A diferença não deve ser meramente tolerada, mas vista como a base de polaridades necessárias entre as quais nossa criatividade pode faiscar como uma dialética. Somente aí é que a necessidade pela interdependência torna-se não ameaçadora. Somente nessa interdependência de forças diferentes, reconhecidas e equiparadas, pode ser gerado o poder de buscar novas formas de estar sendo no mundo, bem como a coragem e a substância para agir quando não há permissões.

Da interdependência das diferenças mútuas (não dominantes) verte aquela segurança que nos possibilita descender no caos do conhecimento e retornar com visões verdadeiras de nosso futuro, juntas ao poder concomitante de efetivar tais mudanças que podem tornar aquele futuro um sendo. Diferença é aquela conexão crua e poderosa na qual nosso poder pessoal é forjado.

Como mulheres, fomos ensinadas ou a ignorar nossas diferenças, ou vê-las como as causas da separação e suspeição, ao invés de forças para mudança. Sem comunidade não há libertação. Só há o mais vulnerável e temporário armistício entre uma pessoa e sua opressão. Mas comunidade não deve significar uma supressão de nossas diferenças, nem a pretensão patética de que essas diferenças não existem.

Aquelas de nós que estão fora do círculo do que essa sociedade define como mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas nos caldeirões da diferença – aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos Negras, que somos velhas – sabemos que *sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*. É aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como externas às estruturas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças. **Pois as ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa-grande.** Elas podem nos permitir a temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína. E esse fato só é uma ameaça àquelas mulheres que ainda definem a casa-grande como sua única fonte de suporte.

Mulheres pobres e mulheres de Cor sabem que há uma diferença entre as manifestações diárias de escravidão marital e prostituição porque nossas filhas é que estão na pista. Se a teoria feminista americana branca precisa dei-

...xar de lidar com as diferenças entre nós, e as consequentes diferenças em nossas opressões, então como lidar com o fato de que as mulheres que limpam suas casas e cuidam de suas crianças enquanto vocês comparecem a conferências sobre teoria feminista são, majoritariamente, mulheres pobres e mulheres de Cor? Qual é a teoria por trás do feminismo racista?

Num mundo de possibilidade para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a fincar as bases de trabalho da ação política. O fracasso das feministas acadêmicas em reconhecer a diferença como uma força crucial é o fracasso em transcender a primeira lição patriarcal. Em nosso mundo, dividir e conquistar tem que se tornar definir e empoderar.

Por que outras mulheres de Cor não foram encontradas para participar nessa conferência? Por que dois telefonemas para mim foram considerados uma consultoria? Eu sou a única fonte possível de nomes de feministas Negras? E mesmo que o artigo do painel sobre Negritude termine com uma conexão importante e poderosa de amor entre mulheres, o que temos a dizer sobre cooperação interracial entre feministas que não se amam?

Em círculos feministas acadêmicos, a resposta a essas questões é muitas vezes “Nós não sabíamos a quem perguntar”. Mas essa é a mesma evasão de responsabilidade, a mesma esquiva que mantém o trabalho artístico de mulheres Negras fora das mostras de mulheres, que mantém o trabalho de mulheres Negras fora da maioria das publicações feministas, exceto pelas ocasionais “Edição Especial Mulheres Terceiro-Mundistas”, e que mantém os textos de mulheres Negras fora de nossas listas bibliográficas. Mas, como Adrienne Rich afirmou em uma palestra recentemente, as feministas brancas empenharam-se enormemente em educar-se sobre elas mesmas nos últimos dez anos, então como não se educaram também sobre mulheres Negras e as diferenças entre nós – brancas e Negras – quando isso é a chave para nossa sobrevivência enquanto movimento?

As mulheres de hoje ainda estão sendo chamadas a atravessar a fenda da ignorância masculina e educar os homens sobre nossas existências e nossas necessidades. Essa é uma ferramenta velha e arcaica usada por todos os opressores para manter as oprimidas ocupadas com as preocupações do senhor. Agora temos ouvido que é tarefa das mulheres de Cor educar mulheres brancas – frente à tremenda resistência – sobre nossa existência, nossas diferenças, e nossos respectivos papéis em nossa sobrevivência conjunta. Isso é um desvio de energias e uma trágica repetição do pensamento racista patriarcal.

Simone de Beauvoir disse: “É do conhecer as condições genuínas de nossas vidas que devemos tirar nossa força para viver e nossas razões para agir”.

O racismo e a homofobia são as condições reais para todas as nossas vidas nesse espaço e tempo. **Eu conclamo cada uma de nós aqui a mergulhar naquele lugar profundo de conhecimento dentro de si mesma, e alcançar o terror e a abominação a qualquer diferença que ali reside. Ver que face veste.**

Então o pessoal e o político podem começar a iluminar todas as nossas diferenças.

* Comentários sobre "The Personal and the Political Panel", Second Sex Conference, New York, 29 de setembro de 1979.

[1] Tradução de tatiana nascimento revisada em fevereiro de 2012, do artigo *The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House*, in: Lorde, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. 110-113.

Os usos da raiva: Mulheres respondendo ao racismo”

Em junho de 1981, Audre Lorde fez a apresentação principal na conferência da Associação Nacional de Estudos de Mulheres, em Storrs, Connecticut. A sua apresentação aparece abaixo. Racismo. A crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, portanto, o direito de dominação, manifesto e implícito.

As mulheres respondem ao racismo. Minha resposta ao racismo é raiva. Eu vivi boa parte da minha vida com essa raiva, ignorando-a, me alimentando dela, aprendendo a usar antes que jogasse minhas visões no lixo. Uma vez fiz isso em silêncio, com medo do peso. Meu medo da raiva não me ensinou nada. O seu medo dessa raiva também não vai te ensinar nada.

Mulheres respondendo ao racismo significa mulheres respondendo a raiva; raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do maltrato, estereotipização, defensividade, má nomeação, traição, e captação.

Minha raiva é uma resposta às atitudes racistas e às ações e presunção que surgem dessas atitudes. Se você lidar com outras mulheres reflete essas atitudes, então minha raiva e seus medos são focos que podem ser usados para crescimento, da mesma forma em que eu usei aprender a lidar com a raiva para o meu crescimento. Mas para controle de danos, não para culpa. Culpa e defensividade são tijolos numa parede contra a qual todas nós batemos; ela não serve a nenhum de nossos futuros.

Como eu não quero que isso se torne uma discussão teórica, eu vou dar alguns exemplos de trocas entre mulheres que ilustram esses pontos. Por falta de tempo, eu vou encurtá-las. Quero que saibam que houve muitas outras.

Por exemplo:

- eu falo sobre raiva direta e particular em uma conferência acadêmica, e uma mulher branca diz, “diga-me como você se sente, mas não fale de forma muito hostil ou eu não consigo te escutar”. Mas é a minha forma de falar que a impede de ouvir, ou a ameaça de uma mensagem que possa fazer com que a vida dela mude?

- o Programa de Estudos de Mulheres de universidade do Sul convida uma mulher Negra para ler seguindo um fórum de uma semana sobre mulheres brancas

e Negras. “O que essa semana te deu?” eu pergunto. A mulher branca mais “vocal” diz, “eu acho que me deu muito. Eu sinto que as mulheres Negras me entendem muito melhor agora; elas têm uma ideia mais clara de onde eu venho”. Como se entendêssemos a participação dela no problema do racismo.

- depois de 15 anos de movimento de mulheres que professam se dirigir aos problemas de vida e possíveis futuros de todas as mulheres, eu escuto, campus depois de campus, “como podemos dirigir problemas de racismo? Nenhuma mulher de Cor apareceu”. Ou, do outro lado dessa fala, “não temos ninguém no nosso departamento preparada para ensinar o trabalho delas”. Em outras palavras, racismo é problema das mulheres Negras, e somente nós podemos discutir isso.

- depois de ler o meu trabalho intitulado “poemas para mulheres com raiva”, uma mulher branca me pergunta: “você vai fazer alguma coisa em relação a como vamos lidar diretamente com a nossa raiva? Eu acho isso tão importante”. Eu pergunto, “como você usa sua raiva?”. E então eu tenho que me distanciar da brancura do olhar dela, antes que ela me convide para participar de sua aniquilação. Eu não existo para sentir a raiva dela por ela.

- mulheres brancas estão começando a examinar as suas relações com mulheres Negras, ainda assim, eu costumo ouvi-las querendo lidar apenas com pequenas crianças de cor pelas ruas da infância, a adorável babá, a colega de classe ocasional da segunda série – aquelas memórias ternas do que um dia foi misterioso e intrigante ou neutro. Você evita as suposições formadas pela risada estridente do Stymi e Alfafa, a mensagem aguda do lenço da sua mãe no banco do parque porque eu tinha acabado de me sentar ali, os retratos desumanizadores e que não podem ser apagados do Amo ‘n Andy e as histórias cheias de humor que seu pai contava na hora de dormir.

- eu estava com a minha filha de dois anos no carrinho de compras pelo supermercado em Eastchester, em 1967, e uma garotinha passando no carrinho ao lado grita excitada, “Olha, Mamãe, uma empregada bebê!”. E sua mãe de silêncio, mas não te corrige. Mas eu escuto que sua está cheia de terror e doença.

- uma acadêmica branca recebe o aparecimento de uma de mulheres não-Negras de Cor. “Isso me permite lidar com o racismo sem ter que lidar com a dureza das mulheres Negras”, ela diz para mim.

- num encontro cultural internacional de mulheres, uma poeta americana branca bem conhecida interrompe a leitura do trabalho de uma mulher de Cor para ler o seu próprio poema, e depois desaparece para um “evento importante”.

Se mulheres acadêmicas realmente querem um diálogo sobre racismo, será necessário que se reconheça as necessidades e os contextos de vida de outras mu-

Iheres. Quando uma mulher acadêmica diz, “Eu não posso pagar por isso”, ela quer dizer que ela está fazendo uma escolha sobre como gastar o dinheiro disponível dela. Mas quando uma mulher que sobrevive de suporte social diz, “eu não posso pagar por isso”, ela quer dizer que ela está sobrevivendo com uma quantia de dinheiro que mal era suficiente em 1972, e ela frequentemente fica sem dinheiro suficiente para comer. Ainda assim, a Associação Nacional de Estudos de Mulheres, aqui em 1981, promove uma conferência na qual se compromete a responder ao racismo, ainda assim recusa a retirar a taxa de inscrição para mulheres pobres e de Cor que queriam estar presentes e conduzir workshops. Isso fez com que fosse impossível para diversas mulheres de Cor estarem aqui e participarem dessa conferência – por exemplo, Wilmette Brown, da Black Women for Wages for Housework. Isso era para ser mais um caso da academia discutindo a vida dentro dos circuitos fechados da academia?

Para as mulheres brancas que reconhecem essas atitudes como familiares, mas principalmente, para todas as minhas irmãs de Cor que viveram e sobreviveram a milhares desses encontros – para as minhas irmãs de Cor que gostam de mim e tremem sua raiva sob as rédeas, ou para quem as vezes questiona a expressão da nossa raiva como inútil e despreocupada (as acusações mais populares) – eu quero falar sobre raiva, minha raiva, e o que eu aprendi com as minhas viagens pelos domínios dela.

Tudo pode ser usado / exceto o que pode ser jogado fora / (você vai precisar / se lembrar disto quando for acusada de destruição’).

Toda mulher tem um arsenal bem guardado de raiva potencialmente útil contra aquelas opressões, pessoal e institucional, que fez com que aquela raiva existisse. Focadas com precisão elas podem se tornam poderosas fontes de energia servindo o progresso e mudança. E quando eu falo de mudança, eu não quero dizer a simples mudança de posições ou uma diminuição temporária das tensões, ou a habilidade de sorrir e se sentir bem. Eu estou falando da alteração básica e radical dessas presunções que sublinham as nossas vidas.

Eu já vi situações onde mulheres brancas escutam uma chamada de atenção racista, ressentindo o que foi dito, e se enchendo de fúria, e se mantém em silêncio porque elas têm medo. Aquela raiva não expressada fica dentro delas como bombas não detonadas, normalmente para ser jogada a primeira mulher de Cor que falar sobre racismo.

Mas raiva expressa e traduzida em ação a serviço da nossa visão e do nosso futuro é um ato de iluminação da libertação e empoderamento, porque é no processo doloroso desta tradução que identificamos quem são os nossos aliados com quem nós temos sérias diferenças e são nossos inimigos genuínos.

Raiva é cheia de informação e energia. Quando eu falo de mulheres de Cor, eu não falo apenas de mulheres Negras. As mulheres de Cor que não são Negras que me acusa de torná-la invisível por assumir que as lutar dela contra o racismo são idênticas às minhas tem algo para me dizer e é melhor que eu aprenda com isso, que nós duas nos desgastamos lutando com as verdades entre nós. Se eu participo, voluntariamente ou não, da opressão da minha irmã e ela me chama a atenção sobre isso, responder à raiva dela com a minha apenas esvazia a substância do nosso intercâmbio partilha com reação reatividade. Isso gasta energia. E, sim, é muito difícil ficar quieta ainda e escutar a voz de outra mulher delinear uma agonia da qual eu não partilho, ou uma da qual eu contribui.

Neste lugar, nós falamos retiradas dos lembretes mais desagradáveis de nossa posição defensiva enquanto mulheres. Isso não precisa nos cegar ao tamanho e complexidade das forças montando contra nós e tudo aquilo que é mais humano dentro do nosso ambiente. Nós não estamos aqui enquanto mulheres analisando racismo em um vácuo político e social. Nós operamos nos dentes de um sistema onde o racismo e o sexismo são primários, estabelecidos e propriedades necessárias de lucro. Mulheres respondendo ao racismo é um tópico tão perigoso que quando a mídia local tenta desacreditar a conferência, ela escolhe focar no fornecimento de abrigo para lésbicas como um artefato de mudança de foco – como se o Hartford Courant não ousasse mencionar o tópico escolhido para discussão aqui, racismo, que fez com que fosse aparente que mulheres estão, de fato, tentando examinar e alterar todas as condições repressivas das nossas vidas.

A mídia cotidiana não quer mulheres, principalmente as brancas, respondendo ao racismo. Ela quer que o racismo seja aceito como imutável, dado a situação da nossa existência, como o resfriado noturno comum.

Então estamos trabalhando em um contexto de oposição e ameaça, a causa que certamente não é a raiva que está entre nós, mas sim aquele ódio virulento e gigantesco contra todas as mulheres, pessoas de Cor, lésbicas e homens gays, pessoas pobres – contra todos nós que estamos buscando examinar os detalhes de

nossas vidas enquanto resistimos às opressões, seguindo em direção a colisão e ação efetiva.

Qualquer discussão entre mulheres sobre racismo deve incluir o reconhecimento e o uso da nossa raiva. Esta discussão deve ser direcionada e criativa porque é crucial. Não podemos permitir que nosso medo de raiva nos deflete ou nos seduza a nada menos que o trabalho duro de escavar honestidade; nós temos que ser bem sérias sobre o ódio deles por nós e sobre o que estamos tentando fazer aqui.

E enquanto nós examinamos a face normalmente dolorosa da raiva umas das outras, por favor, lembre-se que não é a nossa raiva que faz com que tenhamos o cuidado de trancar as nossas portas à noite ou a não vagar pelas ruas de Hartford sozinhas. É o ódio deles que nos espia naquelas ruas, a urgência de nos destruir se nós trabalharmos de verdade por mudanças em vez de satisfazer a retórica acadêmica.

Este ódio e nossa raiva são diferentes. O ódio é a fúria daqueles que não partilham de nossos objetivos, e os quais tem como objetivo a morte a destruição. Raiva é um luta de distorções entre pares, e o seu objetivo é a mudança. Mas nosso tempo tem se encurtado. Nós fomos criadas para ver qualquer diferença além do sexo como motivo para a destruição, e para mulheres Negras e mulheres brancas enfrentarem a raiva umas das outras sem negação, imobilidade, silêncio ou culpa é, em si mesma, uma ideia geradora e herética. Isso implica em pares se conhecendo em cima de uma base em comum para examinar diferença, e em alterar aquelas distorções que a história criou ao redor da diferença. Porque são essas distorções que nos distanciam. E nós precisamos nos perguntar: quem lucra com tudo isso?

Mulheres de Cor na América cresceram dentro de uma sinfonia de raiva por serem silenciadas, não escolhidas, por saberem que quando sobrevivemos é apesar de um mundo que não valoriza a nossa falta de humanidade, e que odeia a nossa simples existência fora do seu serviço. E eu digo sinfonia no lugar de cacofonia porque nós tivemos que aprender a orquestrar aquelas fúrias para que elas não nos destruíssem. Nós tivemos que aprender a nos mover entre ela e a usá-la como força e poder e ideias dentro das nossas vidas cotidianas. Aquelas de nós que não aprenderam isso, não sobreviveram. E parte da minha raiva é sempre uma queda pelas minhas irmãs que caíram.

Raiva é uma reação apropriada para atitudes racistas, como é a fúria quando as ações que surgem daquelas atitudes não mudam. Para aquelas mulheres aqui que temem mais a raiva de mulheres de Cor do que as atitudes racistas não analisadas, eu pergunto: a raiva das mulheres de Cor é mais ameaçadora do que o ódio às mulheres que impacta todos os aspectos das nossas vidas?

Não é a raiva de outras mulheres que vai nos destruir, mas a recusa a ficar calada, escutar o ritmo, aprender dentro dele, a se mover para além da forma de apresentação do conteúdo, a fazer com que aquela raiva seja uma importante força de empoderamento.

Eu não posso esconder a minha raiva para tratar gentilmente a sua culpa, ou não machucar seus sentimentos, ou não responder à raiva; porque fazê-lo insulta e banaliza todos os nossos esforços. Culpa não é uma resposta à raiva; é uma resposta à ação ou falta de ação de alguém. Se leva à mudança, então pode ser útil, já que não é mais culpa e sim começo de conhecimento. Ainda assim, muito frequentemente, culpa é apenas mais uma resposta para impotência, para defensiva destrutiva de comunicação; se torna uma ferramenta para proteger a ignorância e a continuação das coisas como são, a mais nova proteção da falta de mudança.

A maior parte das mulheres não desenvolveu ferramentas para encarar a raiva de maneira construtiva. Grupos de promoção de consciência no passado, majoritariamente branca, lidaram com como expressar a raiva, normalmente em um mundo de homens. E esses grupos eram feitos de mulheres brancas que partilhavam os termos de suas opressões. Havia pouca tentativa de articular diferenças genuínas entre mulheres, como aquelas de raça, cor, idade, classe e identidade sexual. Não havia necessidade aparente naquele tempo de examinar as contradições do “eu”, mulher como opressora. Havia trabalho em expressar raiva, mas muito pouco sobre raiva vinda de uma mulher e direcionada a outra mulher. Nenhuma ferramenta foi desenvolvida para lidar com a raiva de outras mulheres, a não ser evitar, recuar ou se esconder debaixo de um cobertor de culpa. Eu não tenho nenhuma utilidade para a culpa, a sua ou minha. Culpa é apenas mais uma forma de evitar ação informada, de comprar tempo da necessidade de fazer escolhas limpas, fugir da tempestade que se aproxima e que pode alimentar a terra ou quebrar árvores. Se eu falo com raiva com você, pelo menos eu falei com você: eu não coloquei uma arma na sua cabeça e atirei no meio da rua; eu não olhei pro corpo ensanguentado da sua irmã e perguntei “o que ela fez

para merecer isto?”, essa foi a reação de dois homens brancos a Mary Church terrel contando a história do linchamento da uma mulher Negra grávida que depois teve seu bebê tirado dela. Aquilo foi em 1921, e Alice Paul tinha acabado de recusar endossar o processo de inclusão da 19ª Ementa para todas as mulheres – por recusar a inclusão de mulheres de Cor, ainda que nós tenhamos trabalhado para ajudar a criar aquela Ementa.

A raiva entre mulheres não vai nos matar se nós pudermos articulá-la com precisão, se nós escutarmos o conteúdo que é dito com pelo menos a mesma intensidade com que nos defendemos da forma como é dito. Quando nos viramos para a raiva, nos viramos para as novas ideias, dizendo que apenas aceitaremos os modelos já conhecidos, mortal e seguramente familiares. Eu tentei aprender a utilidade da minha raiva para mim, assim como as limitações.

Para as mulheres criadas para temer, muito frequentemente a raiva ameaça aniquilação. Na construção masculina de força bruta, nós fomos ensinadas que nossas vidas dependiam da boa vontade do poder patriarcal. A raiva dos outros deveria ser evitada a todo custo porque não havia nada que pudesse ser aprendido dela, a não ser dor, um julgamento de que tínhamos sido meninas más, não fizemos o que deveríamos ter feito. E aceitarmos nossa falta de poder, aí sim então qualquer raiva pode nos destruir.

Mas a força das mulheres está em reconhecer as diferenças entre nós como criativas, e a se posicionar diante das distorções que agregamos sem culpa, mas que agora são nossas para serem alteradas. As raivas das mulheres podem transformar as diferenças por meio de novas ideias e em poder. Porque a raiva entre pares faz nascer mudança, não destruição, e o desconforto e sensação de perda que normalmente causa não é fatal, mas um sinal de crescimento.

Minha resposta ao racismo é raiva. Aquela raiva que comeu espaços dentro da minha vida apenas quando permaneceu não dita, inútil a qualquer pessoa. Também me serviu em salas de aula de luz ou sem aprendizado, onde o trabalho e história de mulheres Negras eram menos que vapor. A raiva me serviu como um fogo numa zona de gelo de olhos incompreensíveis de mulheres negras que veem na minha experiência e na experiência do meu povo apenas novas razões para medo e culpa. E minha raiva não é desculpa para você não lidar com a sua cegueira, não é motivo para se retirar dos resultados de suas próprias ações.

Quando mulheres de Cor falam sobre a raiva que intercala tantos de nossos contatos com mulheres brancas, frequentemente nos é dito que estamos “criando um clima de desesperança”, “impedindo que mulheres brancas superem a culpa” ou “ficando no caminho de comunicação e ação confiável”. Todas estas citações vêm diretamente de cartas a mim de membros desta organização dentro dos últimos dois anos. Uma mulher escreveu, “porque você é Negra e Lésbica, você parece querer falar com moral e autoridade sobre sofrimento”. Sim, eu sou Negra e Lésbica, e o que você escuta na minha voz é fúria e não sofrimento. Raiva e não autoridade moral. Há uma diferença.

Fugir da raiva de mulheres Negras com a desculpa ou o pretexto de intimidação é premiar ninguém com poder nenhum – é apenas outra forma de preservar a cegueira racial, o poder dos privilégios não mencionados, não violados, intactos. Culpa é apenas mais uma forma de objetificação. É sempre pedido que pessoas oprimidas alonguem um pouco mais, para preencher o espaço entre cegueira e humanidade. É sempre esperado de mulheres Negras que elas usem sua raiva apenas em serviço do resgate ou aprendizado de outras pessoas. Mas aquele tempo acabou. Minha raiva já significou dor para mim, mas também já significou sobrevivência, e portanto eu desisto que eu vá conseguir ter certeza de que alguma coisa seja tão poderosa quanto para substituir o caminho da claridade.

Que mulher aqui está tão enamorada de sua opressão que ela não consegue se controlar para não pisar com o salto na cara de outra mulher? Que termos da opressão das mulheres se tornaram tão preciosos e necessários para ela como um bilhete na pasta de certeza moral, longe dos ventos frios da auto-avaliação? Eu sou uma mulher lésbica de Cor, cujas crianças comem regularmente porque eu trabalho em uma universidade. Se as barrigas cheias das minhas crianças faz com que eu falhe em reconhecer a minha semelhança com as mulheres de Cor cujas crianças não comem porque ela não encontra emprego, ou com as mulheres que não têm filhos porque o seu útero está apodrecido dos abortos clandestinos e esterilizações; se eu falho em reconhecer a lésbica que escolhe não ter filhos, a mulher que permanece no armário porque a comunidade homofóbica onde ela vive é seu único suporte de vida, a mulher que escolhe o silêncio no lugar de mais uma morte, a mulher que morre de medo que a minha raiva acione a explosão dela; se eu falho em reconhecê-las enquanto outras faces de mim, então eu estou não apenas contribuindo com a opressão delas, mas com a minha própria opressão, e a raiva que permanece entre nós deve então ser usada para esclarecimento e empoderamento mútuo, não para evasão por culpa ou fu-

tura separação. Eu não sou livre enquanto outras mulheres são prisioneiras, mesmo quando as amarras delas são diferentes das minhas. E eu não sou livre enquanto outra pessoa de Cor permanece acorrentada. Nem nenhuma de vocês é.

Eu falo aqui como uma mulher de Cor que não quer destruição, mas sobrevivência. Nenhuma mulher é responsável por alterar a psique de seu opressor, mesmo quando aquela psique está encorpada em outra mulher. Eu cuidei dos lábios de raiva dos lobos e eu os usei para iluminação, risada, proteção, fogo em lugares onde não havia luz, comida irmãos ou dinheiro. Nós não somos deusas ou matriarcas ou edifícios de perdão divino; nós não somos dedos caracterizados de julgamento ou flagelação; nós somos mulheres sempre forçadas a recuar do nosso poder de mulher. Nós aprendemos a lidar com a raiva como aprendemos a usar a carne morte dos animais, e machucadas, com marcas, batidas e mudadas, nós sobrevivemos e crescemos e, nas palavras de Angela Wilson, nós estamos mudando. Com ou sem mulheres sem cor. Nós usamos sejam quais forem as forças pelas quais lutamos, incluindo a raiva, para ajudar a definir e criar um mundo onde todas as nossas irmãs possam crescer, onde nossas crianças possam amar, e onde o poder de tocar e encontrar as diferenças de outras mulheres e suas maravilhas vai eventualmente transcender a necessidade de destruição.

Pois não é a raiva de mulheres Negras que está escorrendo sobre este mundo como um líquido doente. Não é a minha raiva que lança foguetes, gasta mais de sessenta mil dólares por segundo em mísseis e outros agentes de guerra e morte, mata crianças nas cidades, estoca gás de nervos e bombas químicas, sodomiza nossas filhas e nossa terra. Não é a raiva de mulheres Negras que corrói em poder cego e desumanizador, curvado sobre a aniquilação de todas nós, se não o encontramos com o que temos, o nosso poder de examinar e redefinir os termos sob os quais vamos viver e trabalhar; nosso poder de prever e de reconstruir, a raiva pela raiva dolorosa, pedra sobre pedra pesada, um futuro de polinização da diferença e a terra para apoiar as nossas escolhas.

Nós acolhemos todas as mulheres que podem nos encontrar, frente a frente, para além da objetificação e para além da culpa.

FONTE: Audre, Lorde, *Sister Outsider: Essays & Speeches* by Audre Lorde (Berkeley: Crossing Press, 2007), 124-133.

Notas

1. O termo usado pela autora foi 'clarification', que poderia ser traduzido como 'clarificação', porém como o movimento negro feminista brasileiro ensinou que não devemos reproduzir o racismo de palavras como 'esclarecer' ou 'ficar claro', modificamos para algo que parecia também representar melhor a tradução.

Tradução por caminhao@riseup.net

Quem Disse que era Simples?

(1982)

Tem tantas raízes a árvore da raiva
que as vezes os ramos se quebram
antes de dar frutos.

Sentadas em Nedicks

as mulheres se juntam antes de marchar

Falando das problemáticas garotas

que elas contratam para ficarem livres.

Um empregado quase branco posterga

à um irmão que espera para atendê-las primeiro

e as damas não percebem nem rejeitam

os prazeres mais sutis da escravidão deles.

Mas eu, que estou atada pelo meu espelho

assim como pela minha cama

vejo causas na cor

assim como em sexo

e sento aqui me perguntando

qual de meus eus sobreviverá

a todas essas libertações.

Audre Lorde, "Who Said It Was Simple" de *From a Land Where Other People Live [De uma Terra onde Outra Gente Vive]*. 1973. Fonte: *The Collected Poems of Audre Lorde [Poemas Escolhidos de Audre Lorde]*, 1997. Tradução editora Heretika.

Bons Espelhos não são Baratos

(1997)

É uma perda de tempo odiar um espelho
ou seu reflexo
em vez de interromper a mão
que constrói o vidro de distorções
discretas o suficiente para passarem
despercebidas
até que um dia você examina
seu rosto
sob uma luz alva impiedosa
e o defeito em um espelho te atinge
se tornando
o que você acredita
ser o formato da sua falha
e se eu estiver junto desse seu "eu"
você me destrói
ou se você conseguir ver
que o espelho mente
você estilhaça o vidro
escolhendo outra cegueira
e mãos cortadas e indefesas.

Porque ao mesmo tempo
descendo a rua
um fazedor de espelhos sorri
criando e transformando novos espelhos que

mentem

vendendo-nos
novos palhaços
com desconto.

De "The Collected Poems of Audre Lorde". Traduzido por Lucas Vosh. Versão online.



Self-Portrait
Juarez Hawkins

Mulher

**Eu sonho com um lugar entre seus
peitos
pra construir minha casa como um
abrigo
onde planto leiras
em seu corpo
uma vasta colheita
onde a rocha mais simples
é pedra da lua e ébano opala
amamentando todas as minhas fomes
e sua noite se derrama sobre mim
como uma chuva nutriz.**

*(tradução retirada do blog
traduzidas.wordpress.com)*

“Nós escolhemos a terra
e o limite das lutas umas das outras
a guerra é a mesma
se nós perdermos
algum dia o sangue das mulheres irá
coagular
em um planeta morto
mas se nós vencermos
não há o que dizer
nós vemos além da história
para um novo e possível encontro
Eu espero te encontrar
em qualquer barricada que você tenha
levantado
ou escolhido.”

(tradução por Monalisa Gomyde)

HERETIKA



EDITORIA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autônomo, autogerido e resistente. Disseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, anti-racista, anticapitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas às novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de autopublicação coletiva e independente. Pelo resgate de nossa história, palavras, pensamento, literatura, simbólico e memória! Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autônomas e anticapitalistas.

Contato: heresia.lésbica@riseup.net

<https://heresialesbica.noblogs.org>